



INVERTENDO OS PAPÉIS: ALUNOS INSTRUINDO PROFESSORES FRENTE AO USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA ESCOLA.

Jessica Kelly Sousa Ferreira

Secretaria de Educação do Estado da Paraíba
jessicaferreiraprofe@gmail.com

A presente proposta tem como objetivo principal estabelecer o uso dos dispositivos móveis, especificamente de celulares e *tablets*, como elementos auxiliares ao processo de ensino e aprendizagem, potencializando e inovando a prática pedagógica dos professores e corroborando com a aprendizagem significativa dos alunos, a partir do pressuposto de que os próprios alunos, conhecedores e dominadores da maioria das tecnologias da informação e comunicação, podem atuar enquanto formadores/mediadores de seus professores. Portanto, essa proposta funciona como uma quebra de paradigmas que ainda permeiam o sistema educacional tradicional almejando assim o possível encontro de novos caminhos que favoreçam a efetivação de um processo de ensino aprendizagem inovador, real e eficaz, tanto para os professores, quanto para os alunos efetivando uma proposta que trate professores e alunos como parceiros e construtores mútuos do conhecimento em relação ao uso da tecnologia aqui estabelecido.

Palavras-chave: Ensino e aprendizagem, tecnologias digitais, alunos monitores.

INTRODUÇÃO

O presente relato tem como objetivo descrever as atividades e ações efetivadas a partir do projeto “Invertendo os papéis: Alunos instruindo professores frente ao uso das tecnologias digitais na escola”. As ações foram realizadas no período de fevereiro a julho de 2017. A escolha da proposta que envolve a discussão quanto à inserção e uso das tecnologias nos ambientes das escolas surgiu como uma resposta à rápida disseminação do uso dessas ferramentas e dos recursos disponíveis, seja com fins educativos ou não.

Observamos que o uso das tecnologias tem mudado a forma em que vivemos, convivemos e nos relacionamos com os outros. Os sistemas e ambientes educativos não se alheiam a essa realidade. Deste modo, percebemos que, mesmo quando são proibidos pelas leis/regras que regem a escola, os alunos utilizam seus dispositivos no ambiente escolar para realizar as mais diversas atividades. Ao se tratar especificamente da realidade da Paraíba, a lei de número 8.949 de 03 de novembro de 2009 proíbe o uso dos celulares nas salas de aula do Estado.

Em contrapartida, os Projetos Políticos Pedagógicos e as leis internas podem estabelecer a premissa para que essas ferramentas possam ser utilizadas dentro da sala de aula, com fins educativos. O problema se acentua quando os profissionais da educação ainda veem o uso dos dispositivos móveis como um problema e se negam a vislumbrar as potencialidades



existentes que podem ajudar no processo de ensino e aprendizagem.

Há também a problemática atrelada à formação dos professores, as formações iniciais das licenciaturas ainda não preparam os professores para o uso das tecnologias, mesmo que essa seja uma necessidade do século XXI, em que nós, professores, estamos lidando com alunos sempre conectados, sendo caracterizados pelo que Prensky, já em 2001, chamou de “nativos digitais”, jovens que já nascem e crescem na nova dinâmica digital. Mesmo quando o professor procura por formações continuadas, a maioria delas enfoca a abordagem instrumental, a noção dos recursos básicos, e, algumas vezes, até enfocam “o que usar?”, mas ainda há muitas lacunas quanto ao “como usar e para que usar?”

A partir da problemática descrita, surgiu o questionamento: “O que fazer quando inseridos em uma realidade onde as tecnologias têm invadido nossas escolas, mesmo com profissionais da educação que ainda não se sentem preparados/capacitados para lidar com elas e quando ainda há a crença de que punir e proibir são as possíveis soluções? Compreendemos que os alunos poderiam se tornar monitores/formadores de seus professores através de oficinas, minicursos e planejamento coletivo por professores e alunos buscando identificar, analisar e selecionar recursos e aplicativos que possam colaborar com o processo de ensino e aprendizagem de disciplinas diversas.

Os alunos elaboraram também materiais instrucionais e vídeos tutoriais que foram disponibilizados para uso dos professores. Os alunos conhecedores das tecnologias e que tem o que Carroll (2005) conceitua como apropriação, descrevendo a familiaridade e o domínio com seus dispositivos, que facilitaria o trabalho em sala de aula e de acentuaria as possibilidades de uso desses recursos com viés pedagógico. Assim, efetivamos uma proposta de cunho interdisciplinar, já que os alunos monitores abordaram recursos e aplicativos educacionais que puderam ser utilizados em sala de aula nas mais diversas áreas do conhecimento.

Todas as ações atreladas ao projeto prezaram pela autonomia, criticidade e trabalho colaborativo. Os objetivos inicialmente pensados e socializados em conjunto com os alunos monitores foram revistos levando em consideração as propostas e ideias socializadas pelos alunos. A ideia principal era que se encontrassem recursos que fossem além do livro didático que, é um bom material de apoio, mas ainda apresenta restrições que podem ser sanadas com o uso das tecnologias, como a visualização de imagens em 3D, vídeos e áudios em Língua Estrangeira, etc.



A partir da compreensão de que os alunos não aprendem mais como antes. O mundo tem mudado de forma rápida, porém, a maioria das escolas e dos sistemas educativos ainda permanece enrijecida e estática, não acompanham as inovações e mudanças atreladas ao contexto em que os alunos estão inseridos. Não podemos deixar de lado as necessidades expressas pelo currículo oficial, mas também não podemos fechar os olhos para a demanda dos nossos alunos.

Braga (2012) afirma que os papéis de professores e alunos têm se mesclado, o professor deixa de ser o dono do saber e passa a ser aquele que orienta, enquanto o aluno abandona a situação de passividade e assume a responsabilidade de agir de forma proativa. Buscamos pautar as ações nos pressupostos da interdisciplinaridade, como também estabelecer uma dinâmica de processo de ensino e aprendizagem que faça com que o aluno entenda a importância de ser proativo e de estabelecer a si mesmo, com a mediação do professor, como elemento principal deste processo. O trabalho colaborativo, a valorização das competências, o uso das tecnologias na escola, a autonomia e proatividade dos alunos são características descritas nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a educação básica (2010), nos documentos oficiais da UNESCO (2014), dentre outros.

É necessário compreender também a necessidade de que o aluno observe, a partir do seu próprio trabalho e pesquisa, que o uso dos dispositivos móveis pode ir além do lazer, e que os diversos recursos, ferramentas e aplicativos disponíveis podem oferecer as mais diversas possibilidades de estudo, abordagem de conteúdos e consequente melhoria no desenvolvimento escolar coo também na vivência cidadã.

Os recursos materiais utilizados foram os dispositivos móveis dos próprios alunos e professores, a sala de informática da sala, data show, materiais instrucionais preparados pelos alunos, etc. A proposta foi desenvolvida em colaboração com os outros profissionais da escola que, em sua maioria, se mostraram abertos a aprender junto com seus alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo aqui descrito durou sete meses, indo de fevereiro a agosto de 2017. Inicialmente a proposta se deu nas salas de aula, dentro das salas de aulas das turmas previamente descritas, foram planejados alguns momentos iniciais para que os alunos pudessem compreender do que se tratava a abordagem que iria ser trabalhada pelos seis meses vindouros, como também para entender quais as



expectativas deles e ideias que poderiam surgir a partir da proposta inicial previamente pensada. Deste modo, no primeiro momento trabalhamos um texto, em Inglês, intitulado “The usage of Eletronic Devices in class”, disponível no link <http://ctl.yale.edu/Using-Electronic-Devices-in-Class>.

Os alunos trabalharam os textos em duplas com o uso dos tradutores nos dispositivos móveis, Na aula anterior ao início do projeto, foi solicitado que os alunos baixassem os tradutores em casa ou, caso tivessem crédito, utilizariam de forma online, visto que a escola oferece wifi apenas no perímetro do laboratório de informática, ou seja, no espaço físico das salas de aula não temos acesso livre a gratuito a internet.

As turmas levaram um tempo para se adaptar ao uso dos tradutores. Nos primeiros momentos alguns alunos esqueceram-se de baixar, outros baixaram, mas esqueceram de configurar para o modo off-line, com o passar do tempo, uns foram ajudando os outros e já na segunda aula todos estavam conseguindo usar os tradutores.

Após o trabalho em duplas com leitura, estudo do vocabulário, interpretação e análise do texto, cada dupla foi levada a produzir dois desenhos que expressassem as ideias do lado positivo e do lado negativo do uso dos dispositivos móveis e da internet na escola, após a elaboração do desenho, os alunos deveriam expor para os colegas e explicar os pontos que expressaram através dos desenhos.

Nesse momento, muitas ideias boas foram expostas e os alunos se sentiram livres para demonstrar seu ponto de vista. Dentre as socializações, a “Aluna A” expos as seguintes contribuições: “A gente sabe que o celular às vezes atrapalha mesmo e isso não é só na escola, em casa também, se a gente não usar pra estudar, ficar só em rede social olhando besteira, ouvindo música, não aprende nada em casa também, então eu acho que o problema não é o celular em si, mas é como a gente usa ele”.

Após o posicionamento da Aluna A, os outros alunos contribuíram positivamente corroborando com a mesma ideia que ela pontuou. O posicionamento dela em relação ao COMO usar os dispositivos móveis abriram caminhos para o desenrolar da proposta.

Ainda nessa atividade, o “Aluno B” disse que: “Mesmo quando a gente é proibido, a gente usa mesmo, então tem que dar um jeito de usar pro bem e não pro mal, mas isso não é só com a gente, né professora? Vocês professores também tem que dar uma ajuda e trazer umas coisas legais pra gente fazer usando o celular. A senhora mesmo quando fez aquelas tarefas com o tradutor do celular, foi bom, eu nunca acho quase nada naqueles dicionários de papel, com o celular a gente pode conhecer palavras



novas e tem até aquele negócio pra ouvir a mulher falando a palavra”. A fala do Aluno B e de muitos outros colegas dele, nessa atividade, expressou que, os alunos entendem que o uso do celular na escola pode se caracterizar como um problema quando não planejado e, principalmente, quando apenas inserido nas salas de aula e nas escolas sem objetivos predeterminados.

Após essa atividade, desenvolvemos um júri simulado em que a turma foi dividida, através de sorteio, entre contra X a favor do uso da internet na escola, os resultados do júri simulado foram bem semelhantes aos que já haviam sido expostos na atividade anteriormente descrita, porém, pude perceber que os alunos tiveram o cuidado de fazer pesquisas em casa e trazer dados para socializar durante o debate do júri. Os alunos expuseram dados em relação ao uso da internet nos anos 90 e atualmente, tal como do número de brasileiros que tinham dispositivos móveis há dez anos e agora.

A interação foi interessante e envolvente, os alunos expuseram suas ideias e resultados das pesquisas de forma respeitosa, autônoma e criativa. O júri simulado foi essencial para que eles observassem, inclusive, a maneira em que usam os dispositivos móveis e o que precisavam fazer para atrelar esse uso ao processo de ensino e aprendizagem.

Também foram trabalhados seminários nas turmas envolvidas. Os seminários enfocaram não somente o uso dos dispositivos móveis e dos celulares na escola, mas adentraram, especificamente, a questão do uso dos aplicativos educacionais.

Deste modo, divididos em equipes, os alunos explanaram para suas turmas aplicativos educacionais que poderiam servir enquanto elemento potencializador aos processos de ensino e aprendizagem de disciplinas diversas, nas diversas áreas do conhecimento. Cada equipe trouxe um aplicativo de uma disciplina diferente e mostrou para a turma as nuances do uso de cada aplicativo, desde as noções básicas, acerca de como fazer o download, registro e login, até as ferramentas e os recursos disponíveis dentro de cada aplicativo.

Deste modo, a turma pode vislumbrar e ter contato com aplicativos diversificados que puderam, inclusive, ajuda-los em possíveis dificuldades enfrentadas no processo de ensino e aprendizagem de determinada disciplina. Após os seminários pudemos ouvir comentários como: “Esse aplicativo de matemática eu vou deixar no meu celular pra sempre, me ajudou muito na prova da semana passada” ou até mesmo “Esse aplicativo de física eu não gostei, professora, achei muito limitado, só tem as fórmulas e pronto, igual ao livro da gente, não tem nada de diferente, eu mesmo acho que não me ajudou em nada”.



Foi notório que muito além da pesquisa dos aplicativos, os alunos tiveram a maturidade de refletir e analisar as características de cada um deles e de usar autonomia e criticidade para compreender o que poderia ser bom e útil e o que não poderia. A fala da Aluna C foi interessante quando ela afirmou que: “Eu gostei muito de estudar esses aplicativos porque isso pode levar a gente a ir além também, a gente acha que estudar tem que ser somente aqui na escola, tem que ser somente o que o professor fala, as tarefas que estão no caderno e no livro, mas não é assim não, a gente tem que procurar e fazer nossa parte também, claro que o professor tem que nos ajudar em tudo, até no uso dos aplicativos, mas como usar celular é uma coisa que a gente gosta, então a gente pode muito bem dar uma olhada nesses aplicativos enquanto conversa no whatsapp ou usa no face, isso só vai fazer com que a gente aprenda mais e mais”.

Os seminários foram interessantes também, pois permitiram que os alunos expusessem suas ideias, compreensões e o que julgaram como pontos positivos e negativos. Se dentre os meus objetivos principais estavam a percepção quanto ao uso dos dispositivos móveis e das redes sociais além do lazer, foi preciso que os alunos percebessem essa dinâmica através do próprio estudo e pesquisa deles e não apenas diante da verdade que eu julgo como correta.

Deste modo, foi conveniente não expor o ponto de vista ou aquilo que acreditamos como certo ou errado, mas sim auxiliá-los a fazerem suas próprias análises e chegarem a suas próprias conclusões. Após essas abordagens realizadas no ambiente da sala de aula, a proposta foi exposta em todas as salas dos segundos e terceiros anos do Ensino Médio, onde foi solicitado que os alunos que se interessassem em efetivar o papel de instrutores/monitores preenchessem a ficha de inscrição.

Após a procura dos alunos, obtivemos um número total de 30 monitores. Após essa procura dos alunos, aconteceu uma reunião com o objetivo principal de socializar a proposta inicial, os objetivos e metas, etc. Todos os 30 monitores compareceram a reunião e demonstraram total interesse na proposta, construímos coletivamente um calendário de reuniões semanais e dividimos as tarefas em os 30 membros da monitoria.

Nesse ponto, alguns deles afirmaram questão como: “professora, eu tenho vergonha de falar em público, não tenho coragem de explicar nas palestras e oficinas não, mas posso ajudar a senhora na organização dos encontros e na elaboração do material, pode ser?” Outro aluno, corroborando com a fala inicial disse: “Eu também tenho vergonha professora, mas eu sou muito bom em trabalhar com vídeos e imagens,



posso preparar umas coisas legais pra os outros mostrarem aos professores”. Todos os alunos foram incluídos na proposta entendendo suas competências e habilidades e valorizando cada uma delas.

Alguns objetivos foram acrescentados nesse primeiro encontro quando os próprios alunos deram a ideia de criar vídeos tutoriais e materiais instrucionais para ajudar os professores a entenderem melhor os recursos e aplicativos que eles abordariam nas palestras. Muitas ideias foram surgindo nessa primeira reunião. Ficou perceptível o envolvimento dos alunos e a motivação em dar as mais diversas ideias com o objetivo de envolver os professores e de, efetivamente, incluir as tecnologias da informação e comunicação no ambiente da sala de aula.

A partir disso, toda semana tínhamos reuniões para acompanhar o andamento do trabalho, os monitores selecionaram vídeos, encontraram propostas/projetos com o uso das tecnologias digitais já efetivadas em outras realidades que pudessem ser tomadas como exemplo e servir como ponto de partida para que os professores se sentissem motivados, etc. Em uma das reuniões a Monitora A deu a seguinte ideia: “Gente, o que vocês acham se a gente construísse uma proposta junto com os professores? Tipo, na próxima oficina, depois que as coisas fossem ministradas, a gente podia se juntar em grupo com os professores e pensar em uma proposta usando as tecnologias que pudesse ser feita aqui na escola, a gente junto com eles, entendeu? Porque a gente criando, a gente podia ter ideias pra ajudar eles e eles não fazerem sozinhos, já que muitos têm dificuldades demais ainda”.

Todos os outros monitores gostaram da ideia e se sentiram empolgados em pensar em algo plausível e possível de ser executado. As oficinas/palestras ocorreram duas vezes no mês, de quinze em quinze dias, dentro das possibilidades da escola, quando a gestão permitia que fosse usado um maior período de tempo, os alunos planejavam atividades mais demoradas e colocavam os professores para trabalhar de forma ativa, pensando e trabalhando junto com os monitores, o que caracterizava uma oficina. Quando o período de tempo era curto, dois ou três monitores, por vez, preparavam uma palestra e ministravam determinado conteúdo para os professores, indo desde a abordagem do uso dos dispositivos móveis de forma geral, até a explanação dos aplicativos já estudados nos seminários.

Os momentos de palestras e oficinas foram muito interessantes, pois favoreceram a real interação entre professores e alunos. Os alunos sentiram-se seguros na exposição da temática e propostas planejadas e os professores demonstraram interesse em aprender com os alunos. Em uma das oficinas, enquanto atividade



inicial de ambientação, os alunos propuseram que os professores discutissem em duplas a partir das seguintes questões: “O que é preciso e o que não é preciso para inserir as tecnologias da informação e comunicação no ambiente das escolas e das salas de aula?” O professor A, ao socializar sua resposta disse que “A primeira coisa que não é preciso é o medo, temos medo de inserir as tecnologias nas nossas aulas porque sabemos que as vezes nossos alunos aprendem mais com elas do que com a gente, que somos professores, e outra coisa, temos medo porque sabemos que vocês (os alunos) quando se fala de tecnologia, sabem muito mais do que a gente. Então, se eu temo as tecnologias, eu nunca vou me sentir aberto a tentar, por isso momentos como esses são importantes”.

Corroborando com a fala do professor A, o Professor B afirmou que “A primeira coisa que tem que se ter em mente para usar tecnologias nas aulas é o QUERER, se eu não quiser, todos podem me dizer que é bom, me mostrar como fazer, me ajudar, mas mesmo assim eu não vou fazer. Então o querer mudar é o primeiro passo. Se eu acho que é mais confortável pra mim apenas usar o livro didático, copiar no quadro e mandar vocês fazerem a tarefa no caderno, eu nunca vou querer tentar mudar, por isso eu digo, o primeiro passo é O QUERER”.

O professor C contribui dizendo que “os professores precisam demonstrar iniciativa para trabalhar com essas ferramentas mesmo, eu concordo que ele precisa querer, mas saber usar também é importante, primeiro é querer e depois saber usar, terceiro deve apresentar métodos variados de aplicação, de avaliação e de abordagem de conteúdo, e quarto, o professor também deve apresentar desejo de fomentar nos alunos o uso adequado dessas ferramentas para ajudar no processo de ensino e aprendizagem e por último, o professor deve apresentar abertura a críticas ou sugestões quando lhes for apresentado algo novo ou alguma coisa que ele ainda não tenha usado”.

É notório que os professores tem a compreensão de que “se abrir para o novo” que invade nossas escolas é uma emergência não apenas do século XXI, mas também da forma em que nossos alunos aprendem nessa nova dinâmica que se desenha.

Em outra oficina, os professores foram levados a pensar em como poderiam utilizar esses recursos de forma potencial dentro de suas próprias disciplinas. Na oportunidade, o professor de física afirmou que: “A gente sabe que nós vivemos no tempo da tecnologia, que é a quarta revolução industrial e aí a gente não tem como viver sem ela, a gente tá vendo que a mão de obra no mercado de trabalho está sendo substituída por máquinas e aí a gente precisa de alunos, de pessoas que saibam utilizar e programar



essas máquinas. Visando isso, a gente trazendo pro lado educacional, as dificuldades que o professor tem está em sua formação inicial, porque nos cursos de graduação a gente vê muito pouco em relação a isso e para que o uso dessas ferramentas seja produtivo é necessário que a gente tenha objetivos bem definidos, além disso, tem que ter a metodologia diferenciada porque não adianta a gente trazer uma coisa nova com uma metodologia que não ajuda. Eles usam muito as redes sociais, então vamos usar isso ao nosso favor, vamos fazer grupos de facebook para por exemplo, compartilhar informações confiáveis, porque na internet tem de tudo, mas nem tudo que tá lá é verídico, então nós temos também a responsabilidade de estimular neles a autonomia de pesquisa onde ele possa ser direcionado a fontes confiáveis, além do que, na nossa sala de aula a gente pode usar também, agora trazendo para física, o uso de simuladores, vídeos, por que o uso de simuladores? Porque por exemplo, nós de física não temos o laboratório de física, mas eu tenho simuladores, na internet, e esses simuladores eles propiciam a gente fazer experimentos de maneira fictícia, virtual, podemos dizer, onde vamos obter resultados sem necessitar de um laboratório físico e sem ter riscos práticos, por exemplo, no terceiro ano, onde trabalhamos com eletricidade. Então a palavra chave para isso tudo seja eficiente tem um nome: PLANEJAMENTO”.

Em outro momento de oficina, os professores foram colocados em grupos para trabalhar junto com seus alunos, foram organizados grupos de quatro professores para trabalhar com dois monitores por grupo, nessa oportunidade, os grupos foram levados a pensar acerca de projetos e propostas reais que favorecessem a inclusão das tecnologias nos ambientes da sala de aula, os monitores deixaram clara a necessidade de se pensar em propostas reais e plausíveis para o contexto e a realidade da escola.

Nessa etapa, os alunos puderam interagir de forma ainda mais potencial com os professores e preparam propostas maravilhosas a serem aplicadas no ambiente da escola. Nesta etapa, o professor de Filosofia fez uma importante reflexão quanto ao uso da tecnologia na escola afirmando que “é realmente importante criarmos propostas viáveis e mais importante ainda que essa criação se dê de forma coletiva com nossos alunos, muitas vezes as pessoas vem e nos oferecem propostas prontas e mirabolantes que não correspondem a necessidade e realidade da escola, por isso, muitas vezes paramos e ficamos no tradicional. Algumas vezes, essas propostas que nos oferecem como milagres em cursos de formação continuada, congressos, etc., na verdade não corresponde a realidade vivenciada por nós e só nos leva a usar o novo para fazer o velho e isso me preocupa, do que adianta encher minha aula de tecnologia e continuar fazendo a coisa da



forma antiga? Sem mudar minha metodologia? É por isso que eu estou adorando esses momentos de formação que estão acontecendo junto de nossos alunos. Esse tipo de coisa tem que acontecer aqui mesmo, dentro da escola, envolvendo quem de fato faz a educação acontecer, tenho certeza que temos muito que aprender com nossos alunos. Acredito que seja interessante conversar com gestão e ver um calendário para tornar esses momentos mais frequentes, temos muito o que aprender e discutir”.

A fala do professor de Filosofia demonstra a importância de promover momentos de formação continuada dentro da escola, de ouvir os professores e os alunos, muito além de apenas chegar e fornecer propostas já prontas com objetivos já pré-definidos que não atendem a demanda da escola.

As últimas oficinas promovidas dentro do período supracitado tiveram como enfoque a elaboração das propostas e de ações a serem desenvolvidas, os objetivos foram construídos coletivamente por professores e alunos e a maioria das propostas criadas envolvia mais de uma disciplina, ou seja, tinham um viés interdisciplinar. Algumas das propostas criadas e socializadas nos momentos das oficinas, inclusive, já estão sendo efetivadas no ambiente da escola.

Os professores de Matemática, Sociologia e Língua Portuguesa criaram uma proposta de uso do programa EXCEL com o intuito de ajudar os alunos a organizar informações atreladas a contas de luz, cesta básica e lanche escolar atribuindo a esse uso um processo de consumo consciente e de planejamento orçamentário, os alunos já estão trabalhando na proposta em conjunto com seus professores utilizando o laboratório de informática da escola, celulares e computadores de casa aprendendo a usar a tecnologia e o programa, tal como a planejar custos e gastos.

Os professores de física, química, inglês e biologia estão trabalhando em um projeto com a temática do lixo eletrônico, um posto de coleta foi criado na escola e as ações estão sendo divulgadas através da rede social facebook, que tem funcionado como um meio de comunicação entre as ações desenvolvidas na escola e a comunidade escolar. As câmeras dos celulares também tem desempenhado um papel importante neste projeto, os alunos estão registrando focos de acúmulo de lixo eletrônico na cidade e conscientizando a população através do trabalho que estão desenvolvendo. Outras ações também estão sendo iniciadas envolvendo criação e edição de vídeos e uso de aplicativos educacionais como o duolingo, por exemplo. Tais ações só foram possíveis através da abertura que aconteceu primeiro dentro da escola favorecendo momentos como os aqui descritos



e, depois, dos professores e alunos que se abriram ao novo, aceitaram os desafios e contribuíram com a discussão e construção coletiva promovida através da ação deste projeto.

CONCLUSÕES

As experiências descritas e analisadas a partir deste trabalho, tal como as reflexões vislumbradas a partir dele, demonstram a importância de se estabelecer uma proposta de ensino e aprendizagem que permita ao aluno fazer uma relação entre escola e vida cotidiana, neste caso, em específico, a partir da relação entre a aprendizagem móvel e a aprendizagem baseada em problemas.

O conhecimento a ser construído dentro do espaço físico da escola deve, a princípio, levar em consideração o conhecimento de mundo e as experiências vivenciadas pelos alunos na sua vivência social e, além disso, fazer sentido para que o aluno se sinta capaz não apenas de observar, analisar e refletir acerca da realidade em que está inserido, mas também de modificá-la.

Deste modo, a aprendizagem baseada em problemas redesenha o processo de ensino e aprendizagem à medida que tira o foco da abordagem meramente conteudista que tem como foco principal o resultado em avaliações somativas, e passa a pautar um aprendizado baseado na vida e tendo como objetivo também a vida.

O uso dos dispositivos móveis, dentro da abordagem já explanada, deixa de ser apenas uma forma de inovar e modernizar as salas de aula, mas coloca em pauta a qualidade quanto ao uso dos recursos tecnológicos atualmente, permitindo que o aluno seja crítico e perceba o que pode aprimorar quanto ao uso que faz das tecnologias aqui abordadas.

REFERÊNCIAS

BRAGA, J. C. F. (Org.) **Integrando tecnologias no ensino de inglês nos anos finais do ensino fundamental**. São Paulo: Edições SM, 2012. (Somos Mestres)

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Resolução CNE/CEB nº 4, de 13 de julho de 2010.

CARROLL, J. **Completing Design in Use: Closing the appropriation cycle**. OASIS Seminars. Melbourne, May 2005. Disponível em:
<http://www.dis.unimelb.edu.au/research/groups/oasis/AppropnWPaper.pdf> (Acesso em 14 Set. 2013)

PALFREY, J.; GASSER, U. **Nascidos na era digital: Entendendo a primeira geração de nativos digitais**.



COPRECIS
CONGRESSO NACIONAL DE
PRÁTICAS EDUCATIVAS

Tradução: Magda França Lopes; revisão técnica: Paulo Gileno Cysneiros. Porto Alegre: Grupo A, 2011.

SERRES, M. **Polegarzinha**. Tradução Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

UNESCO. **O futuro da aprendizagem móvel: implicações para planejadores e gestores de políticas**. Brasília: Unesco, 2014.